

De constelações escritas: uma etnografia do escrever de minha avó¹

Rubens Arley de Almeida Junior; Unesp/FFC - Marília/SP

Resumo: O seguinte trabalho procura realizar uma imersão poética-narrativa mediada e conduzida pelo fazer memorial, pela reminiscência. Desse modo, por meio das memórias e de seus registros materiais, tais como papéis e fotografias, procura-se esboçar possibilidades e potencialidades do processo de escrita realizada por Dona Tereza, uma costureira da cidade de Uberaba, Minas Gerais. A esse processo denominou-se escrita do cotidiano, a qual é marcada pela ruptura com a linearidade e a organização escolarizada. Entende-se que essa escrita é composta por múltiplos fios temporais, que se sobrepõem e se tensionam, sendo também composta a partir de uma determinada configuração de vida em que múltiplos sujeitos/as escreviam coletivamente.

Palavras-chave: Escrita do cotidiano. Etnografia. Antropologia da memória.

Relembrar minha avó é buscar costurar algumas ruínas, um tanto fúngicas, que habitam o segundo andar do nosso sobrado. Rodeando a sua velha máquina de costura, esquecida desde que abandonei minha empreitada de aprender a arte que movia dona Tereza, estão vários sacos de lixos e caixas de papelão com os objetos que um dia fizeram parte do cotidiano e da casa dela. Lembrancinhas de viagem, cremes, pentes, roupas, fotografias, vasos. Hoje tirei daquele depósito mortuário – misturado a inúmeras coisas outras dadas por nós como mortas: brinquedos meus, papeladas de escritório, roupas comidas por cupins – alguns fragmentos de papel que escaparam da primeira coletânea que juntei aos prantos logo após a sua morte.

Na época, eu havia juntado diversos papéis que remetiam à casa de minha avó. Foram colocados em uma caixa de sapatos, e esquecidos na cômoda do meu quarto, também atacada por cupins. Uma nova urna funerária. Arquivos mortos. Mas que sempre ressuscitam e pairam fantasmagoricamente em algum momento. Eles sempre voltam, nem que seja para nos abraçar com um sorriso ou para nos perturbar com um *memento mori*. Mas creio que os cupins têm desempenhado melhor este último papel. Não preciso pensar em minha avó para lembrar que vou morrer. Muito pelo contrário,

¹ Trabalho apresentado na 34ª Reunião Brasileira de Antropologia (Ano: 2024)

ela me retorna como reminiscência de vida, de um café risonho acompanhado de tardes paradas num tempo em que receber as vizinhas com um pão de queijo quente era comum. Os últimos resquícios de hábitos perdidos por uma geração pouco interiorana.

Os cupins, sim, me lembram da morte. São tantos anos convivendo com eles, que me vejo um pouco amigo desses seres persistentes. Nas madrugadas das férias entristecidas que passo nesta cidade em ruínas, sempre os escuto estalando na madeira do quarto. Cantam para mim. E me lembram que preciso dormir. Uma vizinhança tranquila, cuja ameaça vai aumentando e dando sólidos sinais. Seus rastros atravessaram duas paredes do meu quarto, até atingir meu guarda-roupa, do outro lado. Minha mãe e eu que sofremos com essa política da boa vizinhança. Não temos dinheiro para resolver o problema, e como não afeta meu pai, ele não liga.

Foi justamente por causa dos cupins que reencontrei os fragmentos de papéis de minha avó: ajudando minha mãe a reorganizar nosso depósito mortuário. Ela terá que transferir suas roupas para o sobrado, antes que os cupins comam mais peças. Viver aqui é um constante fugir desses bardos da morte, que com seus estalidos vão anunciando sua espreita e seu golpe longo e demorado. E também um fugir das águas que escorrem pelas paredes, alagando banheiros e corredores. Um dia este teto há de cair sobre nós. Pela força da água ou pela perseverança dos cupins. Até lá, vamos migrando nossos objetos, nossas cômodas comidas tanto pelo mofo quanto pelo cupim. Vamos assistindo placidamente e nos acostumando, com um suspiro, dizendo: mais uma vez.

Dessa vez, me deparei com fragmentos de escrita, que a um primeiro olhar, podem parecer insignificantes. Banalidades do cotidiano. Mas onde a vida se faz senão no cotidiano? Nesses fragmentos, me deparo com uma expressão da vida que não caminhava por direções já estabelecidas, mas se constituía como uma certa vida sem telos, que apenas se multiplicava rizomaticamente. Quando observo esses escritos, entendo que essa expressão de vida persevera fossilizada, não nos revelando somente o passado, mas também nos apresentando possibilidades outras de escrita. Uma escrita do cotidiano.

“Se adotarmos o fóssil como modelo de nossas categorias, dos nossos conceitos, uma noção completamente diferente do tempo torna-se possível. Porque o ser vivo que ficou fossilizado, o conteúdo, o material, a sua matéria, é agora parte da própria rocha ou parte do próprio ambiente. Assim, apesar de o fóssil ser uma inscrição do tempo, ele representa graficamente algo que aconteceu no passado. É, também, algo que nos

permite lembrar que aquilo que aconteceu não desapareceu.” (19-20 min. Serpent Rain. Denise da Silva e Arjuna Neuman).

A noção de fóssil pensada por Denise – apesar de elaborada no contexto de entender como a escravização permanece fossilizada na dinâmica do capital e, por isso, ainda produzindo valor expropriado desses corpos escravizados – pode nos ajudar a compreender uma característica dessa forma de escrita adotada por minha avó.

A expressão da subjetividade e do cotidiano, ao serem escritas, são, de certo modo, fossilizadas no papel. Passam a constituir, fazer parte do papel. E assim como um mesmo território pode abrigar fósseis inseridos em múltiplas marcações temporais, a escrita do cotidiano também o faz. O papel fossiliza e abriga uma sobreposição multitemporal. Digo multitemporal pela forma como a escrita era des-organizada.

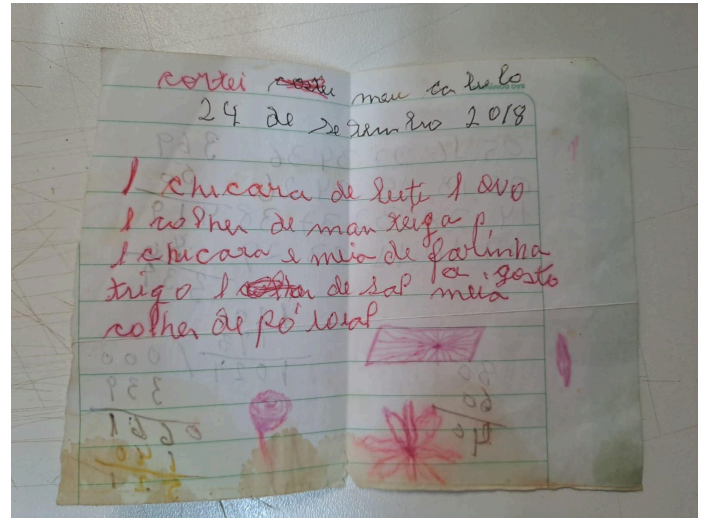
O acesso ao local de escrita na casa de minha avó era amplo. Uma velha agenda, despedaçada, ficava em cima da mesa da cozinha. Livre para todos acessarem, arrancarem uma página ou anotarem o que precisavam. E a escrita não se concentrava nesta agenda. Qualquer pedaço de papel ao alcance se tornava este local de possibilidade, desde uma capa de caderno escolar com o hino nacional, ou uma simples folha solta até folhetos de propaganda ou o recibo de pagamento do “Cantinho da Paz”, uma casa de idosos que dona Tereza contribuía com cinco reais todos os meses. Tudo poderia se tornar alvo da escrita, do registro do cotidiano.

Justamente por essa facilidade de acesso que a escrita do cotidiano pôde se configurar como múltipla. As visitas constantes, os familiares e a dona da casa iam sedimentando com uma caneta bic diversas expressões e necessidades do cotidiano sobre os papéis soltos. Vemos num mesmo fragmento, a apropriação de um resultado de exame laboratorial, que passou a ser sobreposto com números soltos, contas matemáticas e dizeres como “3 pacotes de cigarro 11-4-18” ou “dia 9-4-18”. As datas e a utilização de cores distintas de

15 35 58 72 80 3 pacotes de 11-4-18 cigarro

LABORATÓRIO DE ANÁLISES CLÍNICAS	Uniupe
Avenida Nenê Sabino, 2477 - Bairro Santos Dumont - CEP 38050-501 Uberaba-MG - Tel. 3352-1700 / Ramal 1732 3319-6644	
73757-TEREZINHA ANGELO DA SILVA 29/01/1942 GABRIELA RESENDE VITOR DE MELO 476604 PRO SAUDE UPA - MIRANTE	CNS: 898050004293292 Nr. Identidade: M3138631 Nº Exames: 2 Dt. Cadastro: 09/10/2016 Dt. Impressão: 28/10/2016
CRM 51072 CRM 14/2620 e 05/0834 - Responsável Técnico: Diego Cruvinel Maciel CRM 3221 REATIVA QUANTITATIVA (PCR)	5523321 4258622 3438020 2634411 18196-24
19,2 mg/L MUNO CINETICO - QUÍMICA SECA (JOHNSON)	REFERENCIA: Menor que 10,0 mg/L
1/10/2016 00:29:11 1/10/2016 00:54:00	12 4 7 8 9 10 13 14 15 19 20 22 24 25 dia 9-4-18

caneta nos revelam essa multitemporalidade, essa deposição de camadas de fósseis, que pode emergir de determinadas configurações de escrita que não seguem um regime cronológico, que não respeitam os limites impostos pelo arranjo da agenda ou do calendário. A subversão de um documento que registra o resultado de um *exame*, que passa a ser solo de sedimentação de escritas de si, de manifestações da subjetividade, de expressões de urgências e anseios do



cotidiano. Subversão essa que também se estende para práticas, que à época eram ilegais: no verso do fragmento, uma tabela elaborada por dona Tereza dos números do jogo do bicho. Ela não tinha tanto costume de jogar. Falava que quem jogava mais eram suas irmãs já falecidas, que conheço como tia Zé e tia Nêga. Em determinado período,

ela jogou com mais intensidade, embora nunca tenha ganhado nada. Talvez tenha sido uma forma de lembrar as irmãs.

Assim, o papel passa a ser local de fossilização dessas escritas. A metáfora do fóssil, entretanto, não pode nos enrijecer com uma ideia de estaticidade. Esses fósseis, esses registros estão suscetíveis à transformação, ao rabisco e à sobreposição de novas escritas. Nesse sentido, a escrita do cotidiano pode se configurar como multitemporal, pois entrelaça e sobrepõe registros múltiplos e diversos, ou seja, de gêneros literários ou de conjuntos característicos distintos.

Um desses registros que vemos no fragmento está localizado no que talvez possa ser chamado de uma matemática do cotidiano, a qual foge da estrutura e da



organização escolarizada, uma vez que recusa a utilizar dos sinais convencionais de soma, subtração ou não assinalar a dezena que se acrescenta ou que se corta. Uma matemática cotidiana junto à gramática do cotidiano, a qual Conceição Evaristo aponta.

Essa multitemporalidade pode ser vista neste outro fragmento, em que a frase “costei meu cabelo 24 de setembro 2018”, foi rabiscada posteriormente com outra caneta, “cortei”. A preocupação de dona Tereza com seu cabelo se revela aqui como uma escrita de si. Lembro-me dela sempre consultando o calendário – aquelas propagandas do comércio local, no caso era do açougue da rua de trás – e falando de que não poderia cortar o cabelo na lua minguante porque minguava o cabelo. Ao verificar o calendário lunar do ano, vemos que o dia 24 de setembro, era o primeiro dia de lua cheia.

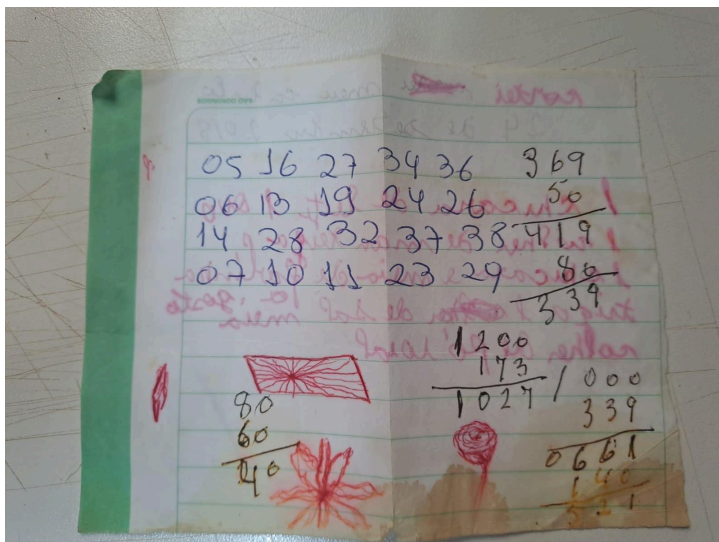
Nessa época minha vó ainda não estava tão debilitada pelo câncer de pulmão. A foto ao lado foi retirada no dia 08 de outubro do mesmo ano. Ela somente começaria a usar o aparelho de oxigênio dois meses mais tarde. Se referia a ele como prisão ou corrente, devido aos fios que ligavam suas narinas à máquina de rodinhas, cujo zumbido pairava pela casa vinte e quatro horas por dia.

Minha vó sempre teve o cabelo um tanto mirrado, muito liso e sem volume, e essa sempre era uma preocupação dela. Ainda mais porque ela tinha uma certa dificuldade de crescimento de pelos. Certa vez ela me relatou que uma amiga de infância fez sua sobrancelha lá pelos 14 anos. E desde então, sua sobrancelha nunca mais recuperou a forma original, se mantendo mais afinada. Ela realmente não tinha muitos pelos. Lembro-me de quando passava creme em suas pernas após o banho, já no período em que o ar lhe faltava apesar da máquina, e não encontrava um pelo sequer naquela pele tão fina quanto um papel manchado pelo nanquim púrpura da idade.

Nessa mesma foto, podemos ver a caneta vermelha que rabiscou a frase e que escreveu a receita, que aparenta ser de algum biscoito salgado. Talvez, nesta tigela coberta pelo pano de prato esteja o resultado da receita. Assim, a escrita do cotidiano pode assumir essa configuração de multiplicidade de conteúdo. O papel é coberto por uma diversidade não conectada. Quase um bricolage dadá, que une o desconexo, o improvável. A vida – enquanto indeterminação, improbabilidade e multiplicidade, enquanto um mistério aberto – imprime sobre o papel essas características do cotidiano. A vida que é produzida pela escrita do cotidiano é des-organizada, e se dá como um rizoma. Não há sequer uma raiz, um tronco que liga todos os fragmentos de escrita. Sequer a dimensão da autoria pode ser cravada como categoria que estabelece unidade,

como Foucault aponta na função-autor. Isso porque essa dimensão múltipla dessa configuração da escrita cotidiana que pensamos aqui também está nas sujeitas que escrevem.

No verso desse fragmento, é possível observar ao menos nove conjuntos de uma



certa escrita constelacional, ou seja, uma constelação que pode ou não estabelecer relações entre os conjuntos, mas que funciona como um certo todo orgânico. Talvez, para pensar a dinâmica de uma determinada possibilidade de escrita do cotidiano, podemos dialogar com a noção de Relação de

Édouard Glissant. “Relation operates within a totality based on diversity rather than unity. This totality is the opposite of totalitarian, because it needs the presence of all its diverse and equal elements [...] ‘We have argued that Relation is an open totality, always moving on from itself’ [...] The totality is structured in a way that eradicates the hierarchical opposition between center and periphery. (Britton, p. 12-3). Uma totalidade aberta, sempre deslocando-se de si mesma. Esse deslocamento, essa capacidade de se estar aberta nos revela não somente uma escrita inserida na multitemporalidade, mas na múltipla autoria.

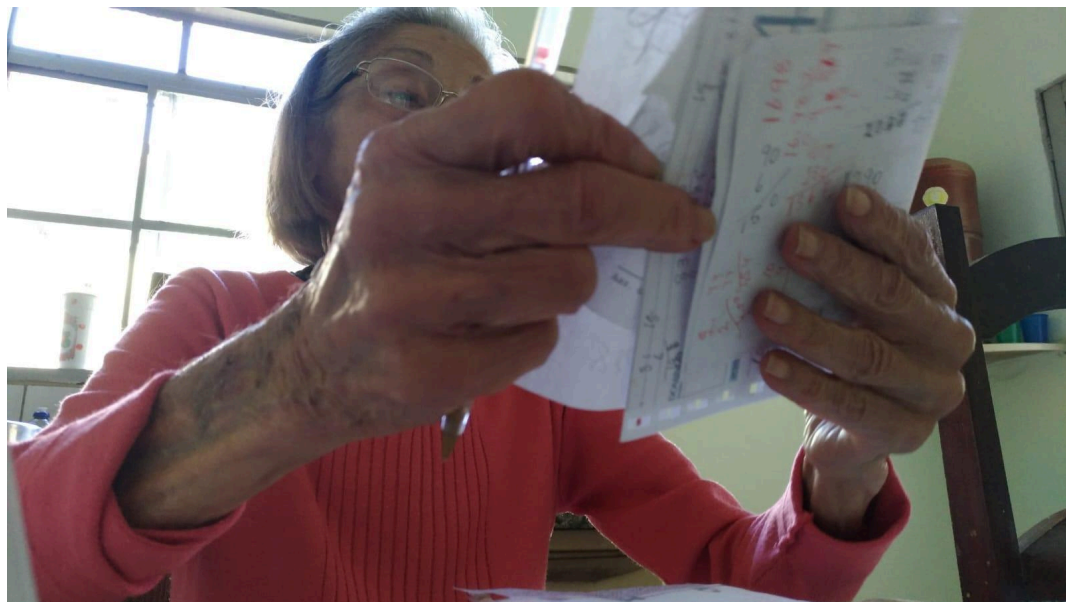
O fragmento que vemos acima nos mostra, não somente conjuntos de escrita – contas matemáticas, desenhos e um rol de números, que possivelmente são os números da telesena do mês – feitos em períodos distintos, mas também por pessoas distintas. Os desenhos foram feitos por mim. Essa escrita aberta, essa facilidade de acesso ao espaço de escrever revela uma configuração de cotidiano habitado pela comunidade. Toda uma série de sujeitas que passavam por aquela cozinha e faziam parte do dia a dia de dona Tereza deixava suas marcas, seus registros, seus fósseis naqueles papéis sobre a mesa. Assim, essa escrita do cotidiano que pensamos aqui é também uma escrita compartilhada. Não como Anzaldúa a pensa, como forma de comunicação e partilha entre autora e leitora, embora talvez também a seja, mas sobretudo como uma

possibilidade de escrita coletiva, conjunta e anárquica, sem ordenamento, rizomática, feita por múltiplas sujeitas, em momentos diferentes.

Essa escrita compartilhada talvez possa ser pensada como um registro desse caos-mundo, do qual Glissant fala, um mundo em que os princípios que o governam são constantemente alterados pelos elementos governados, um mundo opaco, no qual se é impossível atingir uma explicação dada, pois se trata de um mundo da entropia. A escrita do cotidiano pode ser entrópica. Constelacional.

Não se trata, talvez, de uma escrita híbrida, na qual os gêneros literários se misturam criando algo novo. Mas de uma escrita em tensão. Que tensiona, que faz habitar e friccionar entre si, conjuntos literários que não comungam do mesmo gênero, por exemplo, lista de compras, receitas, biografemas, contas. Um tensionamento resultado do caos entrópico do cotidiano. Na tentativa de organizar as tarefas do dia a dia, registrar o que não se deve esquecer ou o que não se quer esquecer, dona Tereza e as pessoas ao seu redor comungaram de uma forma de escrita des-organizada. Uma desconstrução de um organizar claro, linear, unitemporal e individual, fazendo vir à tona uma forma outra de organizar que só fazia sentido e poderia ser entendida facilmente por quem estava ali, convivendo cotidianamente.

*



A minha forma de registrar meu cotidiano com dona Tereza, além das escritas compartilhadas, também era sobretudo tirar muitas fotos e gravar alguns áudios, principalmente de suas histórias. Sempre tive um medo desproporcional de esquecer sua feição e sua voz. Quando os cupins começaram a anunciar seus estalos, percebi a urgência de registrar o que podia, já que nunca confiei na minha memória. Traíçoira.

Hoje, a partir de meus registros do cotidiano, consegui acessar uma dimensão outra dos registros do cotidiano feitos por ela, uma espécie de metarregistro. Nessa foto, de 9 de julho de 2017, vemos dona Tereza escrevendo e pensando algum anseio do seu dia, folheando seu compilado de páginas soltas, todas com contas, frases desconexas entre si, e que ainda assim serviam de solo para a escrita. Essa *escrita menor* nos revela pequenos processos de subjetivação, de reflexão, de pensamento de si, todos sobrepostos, misturados.

Apesar de tentar traçar um mapa no qual se acompanhe possibilidades e potencialidades desse processo de escrita, é necessário notar que esse processo se encontra em suspensão. As sujeitas envolvidas nele não mais pertencem acá, deixando apenas seus registros e seus fósseis, os quais, se deixam abertos para a continuidade do processo. Basta que alguém continue a sedimentar por meio da palavra à caneta. Assim, talvez esse texto esteja encharcado de uma sociologia demasiada.

O que chamei aqui de uma escrita do cotidiano pode ser pensado então, não apenas como fóssil. Talvez seria mais adequado pensá-la na metáfora do retalho. Essa escrita é uma sobreposição de tecidos. São retalhos de estampas múltiplas, costurados em momentos e tempos diferentes e por pessoas diferentes. Uma escrita assim faz todo sentido com o cotidiano de uma costureira.

Uberaba, 18 de janeiro de 2024.

Referências bibliográficas

BRITTON, Celia. Édouard Glissant and Postcolonial Theory: Strategies of Language and Resistance. Charlottesville: University Press of Virginia, 1999.

FOUCAULT, Michel. O que é um autor? In: _____. Estética: literatura e pintura, música e cinema. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária. 2009. p. 264-298.

GLISSANT, Édouard Poética da Relação. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.

SERPENT RAIN. Direção: Arjuna Neuman e Denise da Silva. Disponível em:
<https://ehcho.org/conteudo/serpent-rain?rq=serpent%20rain>.